

A Tarefa Única

Existe uma coisa neste mundo que jamais deve ser esquecida, e a tradição sufista a chama de propósito. Se alguém a esquece, mas lembra de todo o resto, não fez nada da vida. A imagem usada para descrever esse erro é a de um rei que envia um homem a outro país com uma incumbência precisa, e o homem cumpre milhares de outras tarefas, menos aquela que lhe foi pedida. O propósito é a tarefa que o rei confiou, e ele é específico para cada pessoa, o que significa que não existe fórmula geral capaz de substituí-lo. Nenhuma quantidade de atividade serve como desculpa para a omissão daquilo que foi confiado. E o critério para reconhecer o próprio propósito não está no volume do que se produz, mas na lembrança constante do que foi confiado, pois lembrar é o modo pelo qual a tarefa permanece viva.

O que define o esquecimento do propósito não é a falta de esforço, mas o esforço mal aplicado. Uma vida pode ser inteiramente dedicada ao trabalho, ao estudo e ao aperfeiçoamento, e ainda assim estar no lugar errado. A questão nunca é quanto se faz, mas em nome de quem se faz, e a diferença entre uma vida desperdiçada e uma vida cumprida raramente é visível de fora. É por isso que a lembrança do propósito é posta como coisa única, e não como um item entre muitos na lista das virtudes.

Pesquisa Teosófica: No livro Escritos Diversos, Annie Besant ensina que há um eu, bem como um invólucro, e que “o eu usa este invólucro para seu próprio propósito”. É a distinção que devolve ao ser humano o seu centro de gravidade, pois o instrumento de que dispomos, por mais sofisticado que seja, não é o propósito em si, mas o meio pelo qual o propósito se realiza. Confundir o invólucro com o eu é o começo de todo desvio.

A dica de aprofundamento é reler a parábola do rei à luz da distinção entre instrumento e agente, perguntando em cada atividade cotidiana se ela é a incumbência confiada ou apenas uma das milhares de tarefas que ocuparam o viajante.

O Desperdício do Instrumento

A imagem do mau uso é a mais dura de todas, e ela aparece em três comparações seguidas. Usar uma espada indiana preciosa para fatiar carne podre. Cozinhar nabos numa tigela de ouro, quando uma lasca dessa tigela compraria milhares de potes adequados a esse fim. Cravar na parede uma faca que acabou de receber o têmpero, para pendurar coisas nela. O absurdo é evidente, e ainda assim é exatamente o que se faz quando as energias são gastas em projetos imponentes sem que o propósito seja cumprido.

A defesa habitual é dizer que se está usando o instrumento, que nada está parado, que houve aproveitamento. A resposta é que a própria natureza da faca temperada foi ignorada. O têmpero que o metal recebeu é a preparação para o corte, e a parede não

é o corte. Do mesmo modo, a capacidade humana recebeu uma t mpera espec fica, e o uso que se faz dela precisa corresponder  quilo para que foi temperada. Ningu m precisa ser acusado de pregui a, porque o desperd cio descrito aqui   o desperd cio do ocupado.

O invent rio das ocupa  es nobres, por m, n o resolve o problema. Estudar filosofia, jurisprud ncia, l gica, astronomia e medicina constitui uma lista respeit vel, e ainda assim a pergunta permanece, reflita por que voc  faz todas essas coisas. A pergunta n o desqualifica o saber; ela exige que o saber seja reconduzido   sua raiz, pois todas essas disciplinas s o ramifica  es do pr prio ser e da sua grandeza, e a grandeza n o se sustenta quando separada das profundas ra zes de onde brota.

Pesquisa Teos fica: No livro *A Ci ncia dos Sacramentos*, Charles Leadbeater escreve que sem esse corpo como instrumento o ser “seria incapaz de comunicar-se com esse mundo, de imprimir-se nele ou de receber impress es dele”. A invers o descrita nas tr s imagens consiste em tomar instrumento de comunica  o como se ele fosse o fim da pr pria comunica  o, esquecendo que todo aparelho existe para servir a um tr nsito que o ultrapassa.

A dica de aprofundamento   fazer um invent rio honesto das horas da semana e verificar quantas delas servem de fato   tarefa confiada, e n o   manuten  o daquilo que apenas deveria servir.

A Presença que Sustenta a Respiração

O esquecimento se agrava quando se negligencia a presença do Senhor, que é a fonte dos momentos e da própria respiração de quem os vive. A formulação é precisa, pois o que se entrega é aquilo que já pertence a outro, e a respiração é o exemplo mais imediato dessa dívida permanente. Nada do que se chama de aquisição pessoal deixa de ser, no fundo, algo recebido e conservado por alheio favor.

A consequência prática é uma inversão de valores que se parece com a do homem que pendura os martelos e as adagas cerimoniais num poste e usa um cabide comum para guardar a cabaça. O objeto de dignidade é tratado como decoração, e o objeto banal ocupa a função do que importa. É a perspicácia valiosa desperdiçada, e junto com ela se perde a consciência da própria dignidade. O desperdício de inteligência não é um problema apenas de eficiência, mas de honra.

Reconhecer essa dívida não produz desprezo pelo mundo, e sim uma certa transparência. O mundo deixa de ser o lugar onde se acumula o que se chama de conquista e passa a ser o lugar onde se devolve o que foi confiado. Quando um homem esquece essa origem, ele passa a exigir do mundo um retorno que o mundo não pode dar, e a sua vida deixa de ter um centro de referência.

Pesquisa Teosófica: No livro Pistis Sophia, George Mead registra que “o Auto-vontade enviou da altura, do décimo terceiro éon, e

enviou outro grande poder de luz”. A passagem mostra que mesmo o poder que se opõe à ordem não é autônomo, mas apenas uma emanção que age dentro de uma hierarquia de doação, cujo topo permanece a fonte de toda luz emprestada.

A dica de aprofundamento é tomar a respiração como objeto de atenção por alguns minutos ao dia, não para atingir estado algum, mas para educar a memória na consciência de que cada instante é recebido antes de ser vivido.

O Chamado e a Resistência da Alma

A pergunta central é por que uma alma não levanta voo quando escuta o chamado. A comparação é com os peixes nas praias, que sempre nadam em direção ao barulho das ondas. Também o falcão ouve o tambor e traz sua presa para casa. Há uma resposta involuntária na natureza, um reconhecimento que precede qualquer deliberação. O espanto é que o ser humano, dotado de mais que peixe e falcão, permaneça parado quando o chamado soa.

O que se interpõe entre o chamado e o voo é o hábito. A alma está acostumada a um endereço provisório, e passa a acreditar que mora ali. Dormiu por tantos anos em galpões e terrenos baldios que hoje pensa que mora por lá. A metáfora não é de punição, mas de estranhamento, pois ninguém é expulso do galpão pela força; apenas se descobre que ele nunca foi casa.

A imagem final desta parte reúne o falcão e os dervixes. O falcão, ouvindo o tambor, cumpre a sua natureza sem hesitar. Os

dervixes dançam pelo sol. A pergunta é por que não se dança, e ela não é retórica, pois a dança é o nome do movimento que a alma faz quando não resiste ao chamado. A resistência não é intelectual, é a inércia de uma vida inteira na qual o provisório foi tratado como definitivo.

Pesquisa Teosófica: No livro O Masnavi Livro II, Rumi narra que “um clamor se levantou entre as corujas: Cuidado! O falcão veio para se apoderar do nosso lugar!”. A hostilidade das criaturas noturnas ao falcão mostra o mecanismo da resistência, que não percebe no chamado uma libertação, mas uma invasão do seu território.

A dica de aprofundamento é observar quais coisas da rotina produzem defensiva imediata quando alguém as nomeia, pois é exatamente ali que reside o território das corujas.

A Criança e os Cacos de Cerâmica

Por quantos anos, como uma criança, continuará a coletar pedaços de cerâmica quebrada e a fingir que eles são valiosos. A pergunta é dirigida a quem já passou da infância cronológica, e é justamente por isso que ela fere. O colecionador de cacos não é ingênuo, ele é teimoso, pois aprendeu a atribuir valor ao que encontrou pelo caminho e defende esse valor com o zelo de quem teme o vazio.

Deixar a infantilidade, na linguagem aqui empregada, não é abandonar a simplicidade, mas abandonar a substituição. A criança brinca de cozinha com louça partida porque não tem a

mesa posta; o adulto que continua a brincar assim está recusando o banquete que lhe foi oferecido. Dirigir-se ao banquete dos verdadeiros seres humanos é aceitar que existe uma nutrição específica, e que os cacos nunca foram alternativa a ela.

O gesto seguinte é duplo. Quebrar o seu molde cultural e erguer a cabeça para fora do saco. O molde é o formato que a coletividade deu ao indivíduo, e ele é útil até o momento em que impede o crescimento. O saco é o limite de percepção dentro do qual se olha sempre para a mesma parede. Nenhum dos dois se rompe por argumento, mas por uma decisão de erguer a cabeça, que é também uma decisão de ver o que está fora.

Pesquisa Teosófica: No livro Escritos Diversos, Annie Besant descreve a criança que sobe uma escada encostada a um precipício e escuta a voz do pai chamando de cima, e registra que a voz ordena “Solta a tua presa da escada e estende as tuas mãos acima da tua cabeça”. A saída da infância espiritual exige exatamente esse gesto, abrir mão do apoio conhecido para atender a um chamado que só se ouve de cima.

A dica de aprofundamento é identificar o caco de cerâmica mais antigo da própria vida, aquele que se carrega há mais tempo e que nunca foi examinado, e perguntar de que banquete ele tem sido substituto.

O Anseio que Nenhum Universo Acalma

Existe no homem uma dor, um amor, um anseio, um apelo que

mesmo se houvesse cem mil universos não encontraria calma e repouso. A afirmação é de uma radicalidade que impede qualquer solução por acumulação. Se nem cem mil universos bastam, então nenhuma soma de coisas finitas, por maior que seja, produz repouso. O anseio é de outra ordem, e a sua medida não é o tamanho do mundo, mas a natureza daquilo a que ele se dirige.

Dessa constatação decorre um diagnóstico preciso da vida moderna. As pessoas exercem todos os tipos de profissão e fazem todos os tipos de estudo, mas não encontram o contentamento, porque o seu objetivo jamais é alcançado. O fracasso não está no esforço, e sim na direção. É possível ser bem-sucedido em cada etapa e ainda assim não chegar, e a razão é que o objetivo posto nunca foi o objetivo real.

O nome dado a esse objetivo é bem-amado, chamado de repouso da alma. A pergunta retórica é como seria possível, senão nele, encontrar ancoragem. A ancoragem supõe um ponto que não se move, e tudo o que se move não pode servir de âncora para o que também se move. Por isso a busca do contentamento nos objetos é sempre uma busca de estabilidade em algo instável, e o desapontamento é estrutural, não casual.

Pesquisa Teosófica: Nos Poemas Místicos de Rumi, na tradução de Arthur Arberry, o próprio Rumi registra que “Ele disse: Concertos prejudicam a dignidade e o respeito. Podes ficar com a dignidade, pois Seu amor é minha sorte e dignidade”. A troca da dignidade convencional pela dignidade do amor indica onde está a ancoragem, pois a primeira depende do julgamento alheio

e a segunda não depende de nada que passe.

A dica de aprofundamento é examinar, nas próprias buscas, qual seria o resultado que realmente traria repouso, e verificar com honestidade se esse resultado é da mesma natureza passageira das coisas que já se alcançaram.

A Escada e os Degraus

Todos os objetivos e prazeres são como uma escada, e cada degrau não é um lugar de repouso, mas uma passagem. A imagem corrige um erro frequente da vida espiritual, que é o de transformar meios em fins. O degrau tem uma função real e ninguém sobe sem pisar, mas quem se senta nele interrompe a subida justamente no ponto em que ela deveria continuar. O contentamento que se busca no degrau é sempre provisório, e a sua provisoriedade não é defeito, é a sua natureza.

Feliz aquele que acorda cedo para encurtar o longo caminho sem perder a vida tropeçando nos degraus. A frase final reúne duas ideias. A primeira é a de que existe um caminho longo e que ele pode ser encurtado, o que supõe a possibilidade de não gastar em rodeios o tempo que se tem. A segunda é a de que os degraus, que servem para subir, podem também ferir, e que o tropeço neles é a forma mais comum de perder a vida.

A estrutura da escada é inseparável da ideia de graus. Nenhuma subida é contínua e uniforme, e cada grau supõe a superação do anterior. O perigo não está na existência dos graus, mas na confusão entre descansar e morar. Quem compreende que o

degrau é passagem não despreza o degrau, apenas não constrói casa sobre ele.

Pesquisa Teosófica: No livro Hermes Trismegisto Vol. 1, George Mead transmite que “a escada, então, simbolicamente falando, é no cosmos algo da natureza que sugeri”. E acrescenta que, voltando a atenção para ela no homem, descobre-se que ela é a alma, cujo pé é a parte terrena e cuja cabeça é a parte celeste. A escada não é um objeto externo a ser escalado, mas a própria constituição interior do ser humano.

A dica de aprofundamento é verificar, em cada meta que hoje se persegue, se ela é degrau ou se já foi transformada em morada, e lembrar que a escada é feita para ser percorrida e não para ser habitada.

A Vontade e a Ordem do Mais Alto

A vontade, quando age segundo a ordem do mais alto, permanece sem culpa. A formulação é econômica e precisa, pois não diz que a vontade é boa em si, mas que a conformidade com uma instância superior a isenta de erro. A vontade desligada dessa ordem é apenas capricho, e o capricho não pode ser a bússola de uma vida inteira, porque não tem referência fora de si mesmo.

A frase seguinte completa o sentido, a vontade se cumpre. O cumprimento não é a satisfação do desejo, é o realizar-se daquilo que a ordem superior dispõe. Nesse ponto a diferença entre querer e cumprir se desfaz, pois a vontade que se alinha

ao alto já não é uma força em conflito com o real, mas o próprio real agindo através de um ser humano. É a passagem de um querer que resiste para um querer que coopera.

Traduzir isso para a vida prática significa examinar a origem dos próprios impulsos. Muitos projetos majestosos nascem de uma vontade que não consultou o alto, e por isso, mesmo quando são executados com competência, não cumprem nada. A pergunta que resta é sempre a mesma, se o que se quer é o que foi confiado, e a resposta exige uma escuta anterior à decisão.

Pesquisa Teosófica: No Livro das Mutações, na tradução de Richard Wilhelm, o comentário ao quarto lugar do hexagrama registra que “aquele que age segundo a ordem do mais alto permanece sem culpa” e conclui “a vontade se cumpre”. A tradição chinesa confirma o mesmo princípio, de que a eficácia da ação depende menos da força empregada do que da sua consonância com a ordem que a antecede.

A dica de aprofundamento é escolher um projeto em andamento e reconstruir a sua origem, perguntando se ele nasceu de uma escuta ou de uma reação, pois a origem determina o destino da obra.

O Mundo Ilusório e a Distração

O mundo ao redor é um mundo ilusório, e não importa quais experiências possam sobrevir de fora, pois todas as coisas que acontecem vêm do carma. A afirmação não é fatalismo, é um ajuste de perspectiva. Aquilo que acontece foi posto em

movimento há muito tempo, em outras vidas, e não pode agora ser alterado, de modo que preocupar-se com o que acontece é inútil. As causas vieram do passado e devem ser suportadas filosoficamente.

A força dessa posição está em deslocar o eixo da atenção. Quem vive reagindo ao que chega de fora nunca chega a si mesmo, porque está sempre ocupado em administrar o que não controla. A imagem do ator é usada para esclarecer o ponto. Pode ser função de um ator passar por toda espécie de tristezas e dificuldades fingidas, mas essas não o perturbam, e se ele tem de ser morto todas as noites em um duelo, a morte fingida não lhe importa. A única coisa que lhe concerne é que ele se porte bem.

O que define o mundo ilusório não é que ele seja irreal no sentido de não existir, mas que ele não é o que aparenta ser. Ele é o palco sobre o qual se representa um papel, e o papel não é idêntico à pessoa que o representa. Confundir os dois é o erro que transforma sofrimento representado em sofrimento real, e que faz o ser humano buscar no palco a satisfação que só é possível fora dele.

Pesquisa Teosófica: No livro *Conversas sobre a Senda do Ocultismo* Vol. 1, Annie Besant e Charles Leadbeater afirmam que “não deve ser difícil perceber que o mundo ao nosso redor é um mundo ilusório, e que realmente não importa quais experiências possam nos sobrevir”, acrescentando que todas as coisas que acontecem às pessoas vindas de fora são o resultado de seu carma. A consequência prática que eles extraem é que é

inútil preocupar-se com as coisas que acontecem.

A dica de aprofundamento é separar, nas preocupações do dia, o que é acontecimento do que é reação, e observar quanta energia se gasta tentando alterar o que já foi determinado, em vez de trabalhar apenas na qualidade da própria atuação.

A Dignidade do Ser

A pergunta sobre a dignidade começa por uma inversão, pois aquilo que se costuma chamar de dignidade frequentemente é apenas respeitabilidade, que depende do olhar dos outros e por isso se compra com concessões. A dignidade que interessa aqui não se sustenta no julgamento alheio, e por isso não se perde quando o mundo desaprova, nem se ganha quando o mundo aplaude. Ela é a consciência do lugar que o ser ocupa na ordem das coisas.

Perder essa consciência é o que se descreve como esquecer a própria dignidade. A expressão é precisa, pois não se trata de adquirir algo que falte, mas de lembrar de algo que já se possui. O homem que usa um cabide para pendurar a cabeça não é indigno por natureza, é apenas distraído quanto ao que carrega. E a distração, repetida por anos, passa a parecer natureza.

Uma tradição antiga recolhe o mesmo ensinamento numa fórmula paradoxal, que o brâmane tema a homenagem como se fosse veneno e deseje sempre a indignidade como néctar. O paradoxo se resolve quando se percebe que a homenagem alimenta a imagem que se tem de si e a imagem é justamente o

que impede a lembrança do propósito. Nesse sentido, o desprezo alheio pode ser mais libertador que o elogio.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Base da Moralidade*, Annie Besant registra a máxima de que “que o brâmane tema a homenagem como se fosse veneno: que ele deseje sempre a indignidade como néctar”. A homenagem é veneno porque fortalece o invólucro e adormece o eu, enquanto a indignidade é néctar porque retira o apoio exterior e obriga a buscar o centro em outra parte.

A dica de aprofundamento é observar a reação interior diante de um elogio e de uma crítica, e verificar o quanto de cada uma dessas reações depende de uma imagem que não é o próprio ser.

A Dor e a Ignorância

Nenhuma das disciplinas listadas na parábola do instrumento resolve a dor fundamental, e a razão é que a dor tem uma causa que não é de ordem prática. A tradição gnóstica e a tradição budista chegam ao mesmo ponto por caminhos distintos, e ambas atribuem a causa da dor à ignorância. Não se trata de ignorância no sentido de falta de informação, mas de não ver a natureza das coisas como elas são.

O caminho apontado para a remoção dessa causa é o autoconhecimento. A palavra precisa ser entendida com rigor, pois o autoconhecimento não é o resultado de introspecção psicológica nem de análise das próprias emoções. Ele é o

despertar para a consciência da natureza divina do homem. A distinção é decisiva, porque a autoanálise mantém a atenção no invólucro, enquanto o autoconhecimento a dirige para aquilo que no homem não é o invólucro.

Há, portanto, uma ordem de operações. O sofrimento é real e não se dissolve por negação, ele pede ser compreendido na sua causa, e a causa não está no mundo, está no modo de ver. Enquanto o ver não muda, as circunstâncias podem variar indefinidamente sem que o resultado mude. É por isso que a via do autoconhecimento é apresentada como única, e não como uma entre várias.

Pesquisa Teosófica: No livro Fragmentos de uma Fé Esquecida, George Mead observa que a solução dos dois sistemas era idêntica, pois ambos atribuíam a causa da dor à Ignorância e, para sua remoção, apontavam o Caminho do Autoconhecimento. No livro Gemas do Oriente, Helena Blavatsky escreve que “o autoconhecimento é inatingível pelo que os homens costumam chamar de autoanálise”, e que não é alcançado pelo raciocínio ou por quaisquer faculdades cerebrais.

A dica de aprofundamento é distinguir, na prática de si mesmo, os momentos de análise dos momentos de simples atenção sem comentário, e notar qual dos dois aproxima daquilo que se procura.

O que Mora no Homem

A afirmação de que existe no homem uma dor que nenhum

universo acalma não é uma condenação, e sim um indício de origem. O anseio sem medida aponta para um bem-amado sem medida, e é por isso que a alma não encontra ancoragem em nada que tenha começo e fim. A formulação clássica é que o bem-amado é o repouso da alma, e a pergunta retórica que se segue força a conclusão, pois como seria possível, senão nele, encontrar ancoragem.

Há uma consequência metodológica nisso. Se a alma é imortal, ou se é a consciência de crescimento que atravessa as formas, então o seu repouso não pode estar em algo que se transforma. O que a tradição chama de eu, o invólucro que usa o invólucro, não é o corpo nem o conjunto de hábitos que se costuma chamar de personalidade. Nesse ponto várias escolas divergem sobre a palavra alma, mas convergem em apontar que aquilo que no homem é permanente não é o que muda.

A prática que decorre disso é de uma simplicidade exigente. Não se trata de negar o corpo nem de desprezar a vida, mas de deixar de pedir a ele o que ele não pode dar. O corpo serve como instrumento, e o instrumento é tanto mais útil quanto menos se exige dele que seja o fim. Quando o instrumento é reconhecido como instrumento, a exigência desmedida cessa, e o que restava de dor por expectativa frustrada se desfaz.

Pesquisa Teosófica: No livro Diálogos, G. de Purucker registra que o Buda “disse muito verdadeiramente, atingindo a raiz do mal: Não há alma imortal ou eu no homem”, e explica que é verdade porque tudo está mudando. No livro A Vida de Paracelso, Franz Hartmann escreve que “Teosofia significa a

sabedoria de Deus; em outras palavras, o autoconhecimento de Deus no homem”, e acrescenta que não é o homem, mas o deus no homem que conhece seu próprio eu divino.

A dica de aprofundamento é retomar a frase sobre o anseio que cem mil universos não acalmam e perguntar, sem pressa, a que ela se dirige, pois a qualidade da pergunta determina a qualidade de toda a busca.

A Entrega como Instrumento

A palavra final sobre o instrumento é a entrega. O corpo, a inteligência e a vontade são entregues como instrumento da vontade separada para se tornarem instrumento da Vontade divina. Não é aniquilação, é transposição de regime. O que se abandona é a propriedade do instrumento, não a sua função. E a função, longe de diminuir, se amplia, porque passa a servir a algo que não está sujeito ao desgaste.

Essa entrega é descrita como doação de si mesmo do inferior para ser parte do superior. A hierarquia aqui não é de valor entre pessoas, mas de níveis de consciência dentro do próprio ser. O inferior não é mau, é apenas parcial, e a sua integração no superior não o destrói, dá-lhe sentido. O que se perde é a ilusão de autonomia, que nunca foi mais do que uma suposição.

A imagem do participante indigno esclarece o risco. Submetido ao mesmo processo, ele é prejudicialmente afetado, ou a sua natureza, resistindo à pressão, é ferida e dilacerada pelas forças às quais é incapaz de responder, assim como um objeto pode

ser despedaçado por vibrações que é incapaz de reproduzir. A entrega, portanto, não é passiva, ela pede uma natureza capaz de responder ao que recebe.

Pesquisa Teosófica: No livro Cristianismo Esotérico, Annie Besant ensina que a entrega é “a doação de si mesmo do inferior para ser parte do superior, a entrega do corpo como instrumento da vontade separada para ser instrumento da Vontade divina”. É a chave que resolve a tensão entre o propósito confiado e a liberdade de quem o recebe, pois a liberdade se cumpre na adesão e não na recusa.

A dica de aprofundamento é escolher uma atividade rotineira e realizá-la durante uma semana como se ela não fosse própria, observando o que muda na qualidade da atenção quando o resultado deixa de ser propriedade de quem executa.

Lembrar é o Trabalho

Todo o ensinamento converge para uma palavra, lembrar. Não se trata de obter algo novo, e sim de não perder de vista o que já foi confiado. A tradição sufista chama isso de lembrança, e a considera o eixo da vida espiritual, porque é justamente o esquecimento que dispersa o ser humano entre milhares de tarefas. Lembrar não é um ato intelectual repetido, é uma presença que qualifica tudo o que se faz.

A consequência é que a vida examinada não consiste em acumular conhecimento sobre si, mas em manter aceso o fio da incumbência recebida. Por isso a exortação se repete com uma

insistência que parece desproporcional, como se apenas uma coisa importasse. E é exatamente isso que se afirma, se isto for lembrado e todo o resto esquecido não há com que se preocupar, mas se todo o resto for lembrado e isto esquecido, nada se terá feito.

A imagem dos degraus retorna aqui como síntese. Cada objetivo e cada prazer é passagem, e a escada só leva a algum lugar quando se sabe para onde ela sobe. O propósito é o topo que dá sentido ao degrau, e a lembrança é o que mantém o pé em movimento. Sem ela, a escada se torna uma coleção de patamares, e a vida uma sucessão de chegadas sem destino.

Pesquisa Teosófica: No livro *Os Mestres e a Senda*, Charles Leadbeater transmite que “reverência e humildade, contentamento e gratidão, ouvir a Lei nas ocasiões prescritas, esta é a maior das bênçãos”. O contentamento aparece aqui não como satisfação com o que se tem, mas como fruto de uma ordem interior na qual cada coisa ocupa o seu lugar e nenhuma pretende o lugar do propósito.

A dica de aprofundamento é reservar um momento fixo do dia para recordar a incumbência, e verificar ao longo das semanas se essa lembrança altera a escolha das tarefas ou apenas se acrescenta a elas.

Gerado por GET HERMES • 2026-10-30 • Corvo Seco

Bibliografia utilizada: Escritos Diversos; A Ciência dos Sacramentos; Pistis Sophia; O Masnavi Livro II; Hermes Trismegisto Vol. 1